

FUNCIONAMENTO DAS EMPRESAS

O papel da cultura organizacional na utilidade marginal da contabilidade para fins de gestão



Félix Inácio
Economista

PARA QUE A CONTABILIDADE TENHA UMA UTILIDADE MARGINAL ENQUANTO INSTRUMENTO DE GESTÃO, NÃO DEPENDE APENAS DO PROFISSIONAL DE CONTABILIDADE, A ESTRUTURA DA EMPRESA, DETERMINA ESSENCIALMENTE A PREFERÊNCIA DOS DECISORES DAS EMPRESAS SOBRE UTILIDADE DA CONTABILIDADE PARA FINS DE GESTÃO

A compreensão sobre a utilização da contabilidade enquanto instrumento de gestão remete uma análise perpendicular sobre a profundidade da essência que determina a vitalidade das empresas em Angola e a cultura organizacional.

No tecido empresarial nacional, na sua generalidade, as empresas e a sua reprodução social ao longo dos tempos, são marcadas pela escassa relação com a formalização dos processos internos. Em regra, os vectores que alimentam o funcionamento de muitas empresas, tendem a ser informais na forma como integram nos respectivos processos internos a nível da cadeia de valores.

A informalidade presente em muitas empresas, justifica-se pelo nível exíguo de cultura organizacional, e por conseguinte os processos internos das empresas não comunicam-se, existindo uma manta de retalho de várias tarefas sem sincronização ou coordenação, afectando sobremaneira na produtividade e na celeridade da circularização de pontos de estrangulamento ao longo do circuito de informação financeira, constituindo gargalos que, a montante, reduz a transparência e produz inconformidades incongruentes, que violam os princípios da contabilidade, geralmente, aceites na validação de dados que são transformados posteriormente em informação financeira, à jusante, contribui para a fraca percepção sobre a utilidade marginal da contabilidade enquanto instrumento de gesto.

Todavia, a percepção sobre a incipiência em matéria de cultura organizacional no tecido empresarial nacional é compreendida, sobretudo, quando se percebe a gênese da emergência da classe empresarial.

No entanto, a gênese da classe empresarial clarifica o entendimento sobre a mentalidade e o estilo de liderança exercido pelos decisores de várias empresas que permite avaliar a importância que os mesmos dão, sobretudo, à formalização dos processos internos na gestão corrente da cadeia de valor, e tendo um forte impacto sobre a descontinuidade de práticas com escassa relação formal quer nas relações de trabalho quer na circularização de dados que alimentam o circuito de informação financeira.

O diferencial do impacto da cultura organizacional nas

empresas em Angola foi sentida durante o período da pandemia, a propagação de factores exógenos, essencialmente, influenciados pelas incertezas no mercado devido a implementação das medidas de prevenção ao contágio da Covid-19. Representou um divisor na importância da formalização dos processos e no valor marginal a ser atribuído aos pressupostos que dão consistência a qualidade da informação financeira para a tomada de decisão, tendo como base a contabilidade enquanto instrumento de gestão.

Apesar de o Governo angolano ter, posteriormente, gizado a materialização de vários programas de mitigação às externalidades negativas do efeito da pandemia no agudizar do ambiente de negócio. No entanto, aquelas empresas cuja a exiguidade da cultura organizacional encontrava-se incorporado transversalmente à sua estrutura, entretanto, as respectivas medidas do Governo para o alívio da pressão que a externalidade negativa da pandemia fazia sentir nas empresas, foram consideradas como oportunidades perdidas, pois, as respectivas empresas, por falta de ferramentas de gestão, tendo a contabilidade como base, não conseguiram otimizar, sobretudo, os pacotes de crédito concedidos, não conseguiram tirar vantagem da folga financeira proporcionada pela flexibilização quer da componente fiscal quer da componente da contribuição à segurança social.

Concomitantemente, actual-

mente o mercado vive um período semelhante ao tempo da pandemia. As incertezas originadas pelas flutuações das variáveis macroeconómicas com grande impacto a nível micro, tem vindo a reflectir, em grande parte, no agudizar do ambiente de negócio. Entretanto, a vitalidade das empresas depende, cada vez mais, da sua capacidade de alinhamento dos objectivos estratégicos ao comportamento do mercado.

No entanto, se a empresa não tiver cultura organizacional, os fundamentos para alimentar todo o processo de tomada de decisão para proporcionar o alinhamento de seus objectivos estratégicos fica comprometido, condicionando, sobretudo, a capacidade da empresa de estar munida “amortecedores” para a mitigação do impacto dos factores exógenos sobre ela.

A perpetuidade de uma empresa ao longo dos tempos vai depender da sua capacidade de adaptação aos períodos cíclicos e anticíclicos económicos de modo a desenvolver mecanismo estratégicos, visando a conversão das ameaças em oportunidades e na dotação de pressupostos metafísicos, que visam a protecção ao impacto aos choques externos proveniente do seu meio circundante e, sobretudo, das externalidades provenientes da conjugação das políticas macroeconómicas do governo.

A efectivação desta premissa depende da sua cultura organizacional, enquanto suporte dos processos de gestão e, por conseguinte, os processos de gestão

são alimentados pelo circuito de informação financeira, cujo o motor é a contabilidade.

Quando existe cultura organizacional, as empresas tendem a ter a contabilidade como área estratégica na prossecução dos fundamentos de gestão de toda cadeia de valor. Esta situação torna robusta a envolvente contextual das empresas, agregando valor naquilo que a oferta de produtos e serviços que será colocado na envolvente transaccional da empresa, contribuindo sobremaneira na elevação dos níveis reputacionais e permitindo a obtenção de vantagens competitivas e comparativas no mercado, independentemente do período do ciclo económico que o país se encontra.

Portanto, para que a contabilidade tenha uma utilidade marginal, enquanto instrumento de gestão, não depende apenas do profissional de contabilidade. A estrutura da empresa determina, essencialmente, a preferência dos decisores das empresas sobre a utilidade da contabilidade para fins de gestão.

Entretanto, a incipiência em cultura organizacional torna opaca a visão dos decisores sobre a utilidade marginal da contabilidade com a finalidade de absorver-la para fins de gestão. Independentemente dos períodos anticíclicos, as empresas tendem a estar exposta aos diversos riscos, devido a ineficiência da gestão, pois a contabilidade é a base e a cultura organizacional é o diferencial para que a gestão tenha êxito numa empresa.

